



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

THALISON BRENO ALVES DA SILVA

**LIBURGUÊS BILÍNGUE: PROPOSTA DE SOFTWARE MOBILE
NO ENSINO DE ARTIGO E PREPOSIÇÃO PARA ALUNOS
SURDOS**

Catolé do Rocha

2017

THALISON BRENO ALVES DA SILVA

**LIBURGUÊS BILÍNGUE: PROPOSTA DE SOFTWARE MOBILE
NO ENSINO DE ARTIGO E PREPOSIÇÃO PARA ALUNOS
SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Henrique Miguel de Lima Silva.

Catolé do Rocha

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586I Silva, Thalison Breno Alves da
Liburguês bilíngue: proposta de software mobile no ensino de artigo e preposição para alunos surdos [manuscrito] / Thalison Breno Alves da Silva. - 2017. 66 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2017.

"Orientação: Prof. Me. Henrique Miguel de Lima Silva, Secretaria de Educação à Distância".

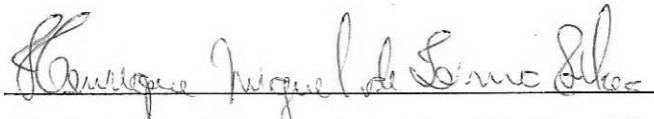
1. Inclusão. 2. Surdos. 3. Gramática. 4. Ensino.
5. Software I. Título.

21. ed. CDD 371.9

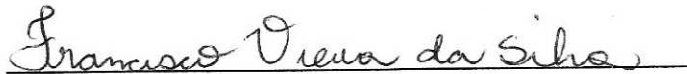
THALISON BRENO ALVES DA SILVA

**LIBURGUÊS BILÍNGUE: PROPOSTA DE SOFTWARE MOBILE
NO ENSINO DE ARTIGO E PREPOSIÇÃO PARA ALUNOS
SURDOS**

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Me. Henrique Miguel de Lima Silva
UEPB – CCHA/DLH



Examinador: Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
UFERSA



Examinador: Prof. Dr. Rafael José de Melo
UEPB – CCHA/DLH

Aprovado em: 03/08/2014.

*Dedico este trabalho à minha mãe **Nilsônia** e minha avó **Maria** por todos os ensinamentos ao longo da minha trajetória de vida; por todo amor e carinho que sempre tiveram para comigo; e por serem meu porto seguro durante esse percurso.*

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, autor do meu destino, por ter me acompanhado e protegido durante todas as fases do curso e etapas de realização deste trabalho, dando - me saúde e forças para permanecer firme e encorajado diante de todas as dificuldades e obstáculos encontrados ao longo de todo o percurso acadêmico. Por ter me proporcionado a oportunidade de se tornar um profissional, abençoando-me e guiando, mostrando sempre o melhor caminho a seguir.

A minha querida mãe, **Nilsônia** e minha avó materna, **Maria**, por me ensinarem a viver com dignidade me ofertando todo amor, incentivo e apoio necessário para me manter estimulado, sempre acreditando no meu potencial e estando ao meu lado em todos os momentos. Amo vocês! Agradeço por tudo sempre.

A minha **família**, em modo geral, meus tios, tias, primos e primas por me proporcionarem o prazer da união, o amor sincero e a confiança.

Ao meu orientador, **Henrique**, por todo o comprometimento com as orientações que contribuíram de forma bastante significativa para a produção deste trabalho, mantendo-se muito simpático e atencioso, sempre disposto a me ajudar no que fosse preciso.

Aos professores **Andreza e Francisco**, por acreditarem no meu potencial desde o início, ajudando-me e fornecendo todo apoio e incentivo que me motivaram para realizar esse trabalho, contribuindo imensamente, com seus conhecimentos e dicas, para a minha formação acadêmica.

Ao professor **Rafael**, por acreditar no meu potencial, mostrando-se sempre simpático e atencioso; e por ter aceito o convite para participar da minha banca de defesa.

Aos **funcionários da UEPB** pelas gentilezas, simpatia, atenciosidade e presteza de atendimento quando me foi necessário.

Aos meus colegas e amigos da faculdade, em especial, **Aparecida, Bruno, Dalteir, Natálha, Rosany e Talisse**, pela verdadeira amizade que levarei para toda a vida.

Aos **professores do curso de Letras da UEPB Campus IV** pela promoção de momentos ricos em aprendizagem, pelos conhecimentos

compartilhados que foram essenciais para a minha formação dentro e fora do contexto acadêmico.

Aos **professores participantes da pesquisa** pela colaboração, disponibilidade e simpatia no momento de realização das entrevistas para a pesquisa de campo e pela paciência e comprometimento na participação do estudo de caso, agradeço imensamente.

“Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues. Ofereço – lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo...”

(Emmanuelle Laborrit)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS	17
1.1.1 Escola: lugar de interação	19
1.1.2 Adaptação em métodos interativos	22
1.1.3 Educação bilíngue na prática pedagógica	24
1.2 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, NA MODALIDADE ESCRITA, PARA SURDOS	26
1.2.1 A aquisição do português como segunda língua para surdos	26
1.2.2 Dificuldades com a gramática: o surdo e a coesão textual	28
1.2.3 Estratégias para um ensino produtivo de Língua Portuguesa, na modalidade escrita, para surdos	29
1.3 TECNOLOGIA EDUCACIONAL E ASSISTIVA	30
1.3.1 A ambivalência da cultura digital na educação	30
1.3.2 O ciberespaço como instrumento inovador em sala de aula	33
1.3.3 A atuação da tecnologia assistiva para surdos	34
2 SOFTWARE EDUCATIVO LIBURGUÊS BILÍNGUE	36
2.1 APRESENTÇÃO E PROPOSTA DO SOFTWARE	36
2.1.1 Módulo artigo	37
2.1.2 Módulo preposição	44
3 CORPUS DA PESQUISA	48
3.1 Características e campo de estudo	48
3.2 População e amostra	49
3.3 Critérios de inclusão	49
3.4 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos metodológicos	50
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES DAS ENTREVISTAS	51

4.1 Opinião dos professores sobre a proposta do software educativo	51
4.2 Opinião dos professores acerca do ensino de LP para surdos	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICES	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- LB** - Liburguês Bilíngue

- LIBRAS** - Língua Brasileira de Sinais

- SE** - Software Educativo

- MEC** - Ministério da Educação

- TIC** - Tecnologia da Informação e Comunicação

- TA** - Tecnologia Assistiva

- TE** - Tecnologia Educacional

- PNEE** - Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais

- LP** - Língua Portuguesa

- AEE** - Atendimento Educacional Especializado

- EB** - Escola Bilíngue

- PNE** - Plano Nacional de Educação

- INES** - Instituto Nacional de Educação de Surdos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Menu geral do software	37
Figura 2: Menu geral do módulo artigo e menu do tópico de artigos definidos	37
Figura 3: Páginas 01 e 02 do tópico de artigos definidos no singular	38
Figura 4: Páginas 03 e 04 do tópico de artigos definidos no singular	38
Figura 5: Páginas 05 e 06 do tópico de artigos definidos no singular	39
Figura 6: Página 07 do tópico de artigos definidos no singular e 01 dos definidos no plural	39
Figura 7: Páginas 02 e 03 do tópico dos artigos definidos no plural	40
Figura 8: Páginas 04 e 05 do tópico dos artigos definidos no plural	40
Figura 9: Menu e página 01 do tópico de artigos indefinidos	41
Figura 10: Páginas 02 e 03 do tópico dos artigos indefinidos no singular	41
Figura 11: Páginas 04 e 05 do tópico dos artigos indefinidos no singular	42
Figura 12: Páginas 06 e 07 do tópico dos artigos indefinidos no singular	42
Figura 13: Páginas 01 e 02 do tópico dos artigos indefinidos no plural	43
Figura 14: Páginas 03 e 04 do tópico dos artigos indefinidos no plural	43
Figura 15: Páginas 05 e 06 do tópico dos artigos indefinidos no plural	44
Figura 16: Menu geral do módulo preposição e página 01 do tópico DO/DA no singular	44
Figura 17: Páginas 02 e 03 do tópico das preposições DO/DA no singular	45
Figura 18: Páginas 04 e 05 do tópico das preposições DO/DA no singular	45
Figura 19: Páginas 06 e 07 do tópico das preposições DO/DA no singular	46
Figura 20: Página 08 do tópico DO/DA no singular e página 01 do tópico NO/NA no singular	46
Figura 21: Páginas 02 e 03 do tópico das preposições NO/NA no singular	47
Figura 22: Página 04 e 05 do tópico das preposições NO/NA no singular	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Detalhes de classificação da pesquisa	48
Tabela 02 – Total da população de amostra da pesquisa	49

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 01** - Na sua opinião, o software “Liburguês Bilingue” irá contribuir mais para o aprendizado de artigo ou preposição? **51**
- Gráfico 02** - O software se adequa ao nível de instrução dos alunos? **52**
- Gráfico 03** - O software sendo utilizado como ferramenta auxiliadora no ensino de LP para surdos apresentará uma contribuição péssima, ruim, regular, boa ou ótima? **52**
- Gráfico 04** - Os alunos conseguiriam acompanhar os assuntos seguindo sua metodologia didática em consonância com o software? **53**
- Gráfico 05** - Você acha que o aluno deve usar o software educativo fora do ambiente escolar? **54**
- Gráfico 06** - Na sua opinião, enquanto professor (a) dos jovens com surdez, como é tratado o ensino de língua portuguesa, na atualidade, para esses que possuem necessidades educacionais mais severas devido a surdez? **55**
- Gráfico 07** - A maior dificuldade, definida por você, em ensinar gramática para estudantes surdos, se estabelece no aprendizado de qual conteúdo gramatical? **56**
- Gráfico 08** - Qual metodologia didática você utiliza para promover um aprendizado significativo? **57**
- Gráfico 09** – Os alunos surdos são interessados e esforçados em aprender Língua Portuguesa? **58**
- Gráfico 10** – Entre 5 a 10, qual nota você atribuiria a sua prática pedagógica? **58**

RESUMO

Os surdos possuem dificuldades em aprender determinadas classes gramaticais devido a inexistência das mesmas na sua língua materna que é a LIBRAS. Destarte, quais os efeitos do desenvolvimento de um Software Educativo (SE) a ser utilizado no ensino de artigo e preposição para estudantes surdos? Como lidar com determinadas classes de palavras não existentes na LIBRAS, quando o surdo vai se utilizar do português escrito? Tendo por base essas questões problema, o presente trabalho tem por objetivo geral apresentar o protótipo de um software educativo mobile como ferramenta auxiliadora no ensino de artigo e preposição para surdos. Nesse diapasão, tenciona-se especificamente identificar as dificuldades encontradas nesse tipo de ensino, processo de inclusão e opiniões acerca do SE, através de uma revisão de literatura juntamente com a realização de entrevistas semiestruturadas. Trata – se, portanto, de um estudo de campo de caráter descritivo, com abordagem quanti - qualitativa. Para coleta de dados foram realizadas entrevistas com 20 professores de LIBRAS da região paraibana, especificamente das cidades de Catolé do Rocha, Pombal, Patos e São Bento. Como aporte teórico, têm-se o relato da educação inclusiva e do ensino de LP para surdos; e da Tecnologia Educacional e Assistiva, embasados nas reflexões e posicionamentos de Faria (2001), Ferreira (1995), González (2007), Kenski (2007), Levy (1999), Skliar (1999, 2005), entre outros. No epílogo da pesquisa, obtêm-se como resultados, discussões satisfatórias acerca da proposta do SE, juntamente com a ratificação dos problemas que os surdos possuem com o aprendizado de gramática, sobretudo na utilização de algumas classes gramaticais (artigo e preposição) para elaboração de frases com coesão no momento da leitura e escrita.

Palavras – chave: Inclusão. Surdos. Português. Ensino. Software.

ABSTRACT

Deaf people are hard to learn. They are classified as grammatical due to the inexistence of their mother tongue and are LIBRAS. So, what are the products of the development of an Educational Software (SE) a used without teaching of article and preposition for deaf students? How to deal with word classes do not exist in LIBRAS, when are you using it? Based on this problem, the present work has, as a general objective, the prototype of a mobile educational software as an auxiliary tool not teaching article and preposition for the deaf. In this context, it is specifically identified as difficulties encountered in this type of teaching, inclusion process and opinions on the SE, through a literature review along with a semi - structured interview. It is, therefore, a field study of descriptive character, with quantitative - qualitative approach. For the data collection, 20 teachers of LIBRAS from the Paraíba region were interviewed, specifically from the cities of Catolé do Rocha, Pombal, Patos and São Bento. As a theoretical contribution, there is the report of inclusive education and LP education for the deaf; and of Educational and Assistive Technology, based on the reflections and positions of Faria (2001), Ferreira (1995), González (2007), Kenski (2007), Levy (1999), Skliar (1999, 2005), among others. In the epilogue of the research, we obtain as results, satirical discussions on the proposal of the SE, together with a ratification of the problems with the knowledge with knowledge of grammar, especially in the use of some grammatical classes (article and preposition) to elaborate sentences with cohesion at the time of reading and writing.

Keywords: Inclusion. Deaf people. Portuguese. Teaching. Software.

INTRODUÇÃO

Os surdos se comunicam através da Língua Brasileira de Sinais, mas possuem o direito de aprender a Língua Portuguesa na modalidade escrita. Entretanto, mesmo após entrarem em contato com o português como segunda língua e aprenderem a fazer uso do mesmo, os alunos surdos não possuem conhecimento acerca de algumas classes gramaticais como artigos e preposições, devido à ausência delas na LIBRAS. Isso ocasiona um déficit na leitura e escrita desses alunos, fazendo com que eles realizem produções em forma similar a circuitos fechados, sem o uso de conectivos e antecedentes para especificar os substantivos.

Ensino de gramática em meio as diferenças e adaptações. Como o surdo lidará com determinadas classes de palavras não existentes na LIBRAS, quando for se utilizar do português escrito? Dentro da escola, quais seriam os efeitos de um protótipo de software mobile, apresentado como ferramenta a ser desenvolvida e adotada como metodologia para a obtenção de um ensino produtivo de artigo e preposição, destinado a esses estudantes?

Em relação a essa problemática e através da inquietação com as dificuldades que os alunos surdos possuem com a gramática, sobretudo com os artigos e preposições, que por não serem utilizados na escrita dos surdos, pode acarretar um mau entendimento no sentido das construções frasais, juntamente com o interesse em investigar e buscar alternativas que possam melhorar a escrita desses alunos, esse trabalho objetiva desenvolver e apresentar um protótipo de software educativo mobile como ferramenta auxiliadora no ensino de LP para surdos e identificar os problemas mais frequentes presentes nesse tipo de ensino, através de uma revisão de literatura e entrevistas estruturadas com profissionais da área.

No âmbito educacional, o aluno portador de algum tipo de necessidades especiais precisa de uma readaptação do planejamento, de alguns objetivos e metas a serem cumpridas na escola. A presença desse aluno, requer essencialmente três tipos de adaptação, que irão incidir na metodologia de ensino, no currículo e na avaliação. Esse processo vai ser feito fundamentalmente pelo professor, tendo em vista os conteúdos mínimos, as habilidades e competências que aquele aluno deverá atingir naquele nível

educacional, sempre levando em consideração os aspectos emocionais e sociais, não delimitando apenas habilidades e competências cognitivas. Nessa atuação, esse trabalho apresenta a interdisciplinaridade entre tecnologia e o ensino de LP para surdos, promovendo uma interatividade entre a computação, a linguagem e a escola.

Nessa atuação, o professor pode ficar à vontade para usar a criatividade com seus alunos, e é justamente pensando nessa questão da dinamização e criação, que esse trabalho visa a aplicação da proposta do software como metodologia diferenciada, atrativa, fazendo uma adequação do ensino, da avaliação e do currículo, tendo como pressuposto uma melhora no aprendizado de artigo e preposição pelos alunos surdos em sala de aula com o professor, e em casa com familiares e amigos.

O presente estudo irá contribuir, através de uma ferramenta tecnológica a ser desenvolvida e proposta pelo autor, para que os alunos surdos tenham conhecimento das classes gramaticais (artigo e preposição) da LP que não existem na LIBRAS. Com isso, irão aprimorar a coesão da sua escrita, melhorando principalmente a estética de suas produções, pois a ausência da utilização dessas categorias gramaticais, reflete muitas vezes na compreensão semântica da mensagem dita, na modalidade escritas, pelos surdos. Esse trabalho irá introduzir uma nova forma de pesquisa no ramo da educação dos surdos, no que se refere as classes de palavras não existentes na língua materna dos mesmos.

Com relação ao processo de realização deste trabalho, no primeiro momento, foram realizadas entrevistas com alguns professores de LIBRAS. Foram elaborados questionamentos acerca do referido software e do ensino de gramática e em seguida direcionados aos respectivos entrevistados. Ao todo, foram abordados 20 professores de LIBRAS das cidades de Pombal, Patos, São Bento e Catolé do Rocha.

Em um segundo momento, foi apresentada a proposta do uso do software educativo em sala de aula como ferramenta auxiliadora no ensino de LP para os alunos que possuem necessidades educacionais mais severas devido a ausência da audição. Um aplicativo que enfatizasse o aprendizado da coesão frasal para que o aluno pudesse estruturar de forma lógica e coesa

determinadas sentenças e aprendesse determinadas classes gramaticais (artigo e preposição) da LP de forma dinâmica e prazerosa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS

Através do ar é possível vibrar ondas que compõem o que conhecemos por som. Podemos captar essas vibrações através da nossa audição e transformá-las em informações pelo nosso cérebro, e devido a isso podemos captar todas as sonoridades que estão ao nosso redor.

O meio pelo qual a maioria das pessoas se utilizam para se comunicar é a fala, para que outros indivíduos sejam capazes de ouvir e assim, exista uma interação comunicativa. No entanto, existe uma parte da população que vive em um mundo silencioso, que são os indivíduos surdos, pessoas que vivem em um mundo em que os ouvintes, na maioria dos casos não se comunicam de maneira efetiva por falta de conhecimento e informação. Lidar com situações cotidianas, que são consideradas simples para os ouvintes, para os surdos podem ser grandes obstáculos, principalmente quando se refere a entrada deles no ambiente escolar.

Em relação a inclusão podemos, atualmente, encontrar algumas discordâncias diárias, como por exemplo, a visão do tema na área da saúde, em que os profissionais objetivam sempre tratar as pessoas com deficiência, pensando justamente na questão patológica. Porém, ao tratarmos desses indivíduos dentro de uma sala de aula, não devemos pensar nos mesmos apenas como meros possuidores de necessidades especiais, mas sim, em pessoas com necessidades educacionais especiais (PNEE), pois como o contexto é a educação, existe o interesse em descobrir quais são as necessidades que determinadas pessoas possuem, justamente para tentar suprir essas demandas educacionais no recinto escolar.

Será que deficiência não pode ser sinônimo de eficiência? Pessoas que possuem dificuldades, mas investigam o saber, que são condenados defectivos, mas defectivos por quê? É comum existir dúvidas frequentes com relação à forma de comunicação realizada pelos surdos. Infelizmente parte dos ouvintes não possuem o interesse em se aprofundar, explorar e investigar os

meios comunicativos utilizados por esses indivíduos, julgando-os, em muitos casos, de maneira equivocada, o que acaba se tornando um problema para a sociedade quando em determinadas ocasiões ocorre a junção de ambas as partes e não se tem um conhecimento a respeito de cada uma delas.

Alguns são mudos de verdade, já outros podem falar, mas preferem se calar em frente à realidade. Geralmente as crianças ouvintes ao se deparar com um colega de classe da mesma idade, percebendo que ele se distingue a si devido à ausência da audição, se questiona a respeito de qual método de interação aquele colega se utiliza. Quando se fala com as mãos e se ouve com os olhos, estamos nos referindo a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, uma forma de se comunicar através de gestos e articulações que representam palavras e frases em geral, e que se trata da forma como os surdos expressam suas colocações. Sacks acentua:

As pessoas profundamente surdas não mostram em absoluto nenhuma inclinação inata para falar. Falar é uma Habilidade que tem que ser ensinada a elas, e constitui um trabalho de anos. Por outro lado, elas demonstram uma inclinação imediata e acentuada para a língua de sinais que, sendo uma língua visual, é para essas pessoas totalmente acessível. (1998, p.43)

Atualmente existem alguns institutos especializados para atender as pessoas surdas. Contudo, esses ambientes para alguns pais de família são vistos como vantagem e também como desvantagem para os seus filhos surdos, por possuírem um modelo de inclusão que não lhes agradam, como por exemplo, preparar as crianças somente para o mundo dos surdos. Com isso, quando eles se deparam com a realidade da sociedade, com os ouvintes, eles irão ter dificuldades de se adaptarem. Devido a isso, alguns pais acabam optando por colocar seus filhos em escolas regulares. González diz:

[...] que as crianças precisam de uma educação especial quando têm alguma dificuldade de aprendizagem que exija uma medida educacional específica. A legislação espanhola estabelece um sistema único de ensino, eliminando as primeiras concepções de educação especial como algo separado da educação geral e regular. (2007, p.17).

Quando paramos para pensar como seria a entrada de uma criança surda em uma escola regular, em que seus demais colegas partilham de uma comunicação realizada através do mesmo meio que é a oralidade, podemos questionar o modo como essa criança será recebida e como será trabalhada a sua forma de aprendizado, atendendo as suas necessidades educacionais especiais.

1.1.2 Escola: lugar de interação

Os problemas encontrados em meio à vida acadêmica dos indivíduos surdos, são problemas que não se acarretam exatamente por causa dessas pessoas, mas sim, por causa de uma situação contingente, devido à ausência de uma aquisição natural, mais espontânea em torno da linguagem e pelo receio que algumas pessoas possuem de se aproximar dos sujeitos surdos.

"Se faz necessário consolidar o argumento de que a aquisição da língua de sinais o mais precocemente pelo surdo, é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, e sua integração social" (SILVA, 2002, p.28). Porém, de certa forma, esses indivíduos não possuem um contato com a língua, algo de extrema importância para uma comunicação e a família, na maioria dos casos, não tem conhecimento e nem desenvolvem habilidades acerca da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Fatores como os citados anteriormente podem ocasionar uma dificuldade de comunicação entre ouvintes e surdos. "Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua". (GESSER, 2009, p. 76). Isso resulta na dificuldade de se obter um aprendizado, quando eles são expostos na sociedade e necessitam atender as exigências existentes, tanto da língua portuguesa e demais áreas da educação, quanto das situações cotidianas.

Várias indagações são feitas a respeito do cotidiano de quem vive com a ausência da audição e que mesmo assim convive no mesmo ambiente, necessitando realizar as mesmas funções que ouvintes estão associados. Muitas pessoas costumam encarar a surdez como uma deficiência inferior a paraplegia, a cegueira, porém, a surdez pode ser muito grave, pois os

indivíduos podem padecer danos inconversíveis se a sua forma de se comunicar não for consideravelmente empregada. Sacks enfatiza:

E ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações (1998, p.22).

A linguagem não se limita a comunicação, como também a criticidade do pensamento. “Aquele que não ouve tão bem, frequentemente passa a ser distinguido como alguém com perda, com carência, com falta de, com deficiência e como pessoa portadora de uma especificidade” (LULKIN, 1998, p. 40).

É possível relatar a situação das crianças que não compreendem a língua de sinais, e que em alguns casos não possuem nenhuma habilidade para fornecer e receber comunicação, influenciando até mesmo no seu modo de pensar, e que estão matriculadas em escolas, junto com outras crianças que são ouvintes, o que acaba ocasionando uma dificuldade na integração entre surdos e ouvintes. Mas o que fazer para contornar essa situação? Quais as propostas a serem adotadas? González elucida que os indivíduos que requerem de um tratamento específico dentro da educação, são necessariamente aqueles que:

[...] apresentam algum tipo de deficiência física, psíquica ou sensorial, ou que estão em situação de risco social ou de desvantagem por fatores de origem social, econômico ou cultural que os impedem de acompanhar o ritmo normal do processo de ensino – aprendizagem. Por meio desses atendimentos especiais pretende – se conseguir o máximo desenvolvimento das possibilidades e apresentadas ao longo desse processo. (2007, p. 19)

A inclusão escolar do indivíduo surdo deve envolver o sujeito em todos os fatores relacionados a todas as etapas da educação, desde as séries iniciais como a educação infantil até o ensino superior, com o objetivo de garantir que ele possa, desde cedo, utilizar os meios de que necessita para vencer suas dificuldades e usufruir dos seus direitos escolares, exercendo sua cidadania de acordo com os preceitos constitucionais de nosso país.

A escola comum precisa discutir o desenvolvimento acadêmico desses alunos e deflagrar ações educacionais dando sentido para os alunos em geral. González destaca:

Depois de vermos as dificuldades surgidas na tentativa de determinar o que se deve entender por conduta normal e diferente, posso dizer que uma pessoa sã ou normal é aquela capaz de viver satisfatoriamente em um dado meio social, realizar-se nesse meio e conseguir sua felicidade, ao mesmo tempo em que tenta ser útil para a sociedade. A pessoa diferente (deficiente) é a que precisa dos repertórios sociais adequados para realizar-se em seu ambiente social e escolar. (2007, p.22)

Esse sentido deve ser compartilhado com os alunos com surdez, porque na sala de aula o estudante surdo está com o professor ouvinte que se utiliza apenas da oralidade e o surdo em questão, olha, havendo assim um bloqueio no aprendizado, um nivelamento desigual dentro da situação comunicativa, e até um possível constrangimento por parte do estudante, por ele ser diferente dos demais colegas, ocorrendo assim uma não aceitação. Sacks, em seus estudos acerca da surdez, acentua:

[...] comecei a vê – los [os surdos] sob uma luz diferente, especialmente quando avistava três ou quatro deles fazendo sinais, cheios de uma vivacidade, uma animação que eu não conseguia perceber antes. Só então comecei a pensar neles não como surdos, mas como Surdos, como membros de uma comunidade linguística diferente. (1998, p. 16)

Quando Sacks (1998) diz ter começado a pensar nessas pessoas utilizando o termo “surdas” com distintos significados, ele quis dizer que não as tratavam como pessoas com deficiência, mas sim, como um grupo linguístico e cultural. Devido a isso é necessário ter uma proposta didática, trabalhar o aluno com ele mesmo, ele se aceitando, se vendo uma pessoa não com deficiência, mas como alguém que possui uma maneira de se comunicar diferente, esse é o primeiro passo para a inclusão desses jovens no meio escolar no qual estão inseridos.

Acredita-se que hoje a principal dificuldade encontrada pelos professores para trabalhar com o diferente seja a resistência dos mesmos em

aceitar que eles precisam trabalhar com as diferenças, pois em alguns casos o professor pensa no sujeito com necessidades especiais, como um sujeito que não tem a capacidade de se desenvolver, que precisa de uma educação de modelo clínico. Sendo assim, essa não seria o seu papel, o seu compromisso para com esses indivíduos, porém, quando o professor compreende que todos os sujeitos são diferentes, que a sala de aula é um ambiente composto por múltiplos sujeitos, cada um com seu modelo de desenvolvimento, ele vai perceber que a sua intervenção de fato precisaria ser individualizada com os seus alunos, para o estabelecimento de um elo.

1.1.3 Adaptação em métodos interativos

Na escola, a utilização da oralidade, por incrível que pareça é uma das maneiras de incluir os surdos nesse meio. Mas como esse método funciona? “A surdez é histórica e socialmente, um problema para o ouvinte. Ela em nada afeta a vida dos surdos – o problema começa a existir quando queremos torná-los ouvintes e falantes da língua oral”. (GESSER, 2009, p. 82)

Refletindo acerca do posicionamento de Gesser, é preciso ter um certo cuidado com relação à utilização do método oral. Quando falamos em oralidade já associamos o termo à voz, e já que os surdos não têm a capacidade de ouvir, como é que eles podem aprender a se comunicar através da oralidade? Apesar de não ser uma tarefa fácil, esse método foi muito utilizado em uma tentativa de fazer o surdo aprender uma comunicação através da leitura labial.

O oralismo perdurou como a filosofia educacional para ensino de surdos por mais de um século e que apregoa que o surdo deve adquirir a língua oral, devendo ser terminantemente proibido o uso de sinais no processo, essa postura foi fortemente criticada por pesquisadores e estudiosos da [época, para esses autores, a língua oral não pode ser adquirida por este tipo de aprendiz pelo processo de aquisição de língua materna, pois, devido à ausência de audição, pode – se considerar que ele não foi exposto a uma primeira língua. Esse aprendiz, além de ficar privado, nessas condições, de adquirir a língua materna, também não tem acesso aos processos de desenvolvimento da linguagem de forma natural (FELIX, 2008, P.17).

A prática da leitura labial pode ser eficaz, no entanto ela é uma forma de interação comunicativa ainda precária e de certa forma pode acarretar uma

negatividade no que se diz respeito ao diálogo entre ouvintes e surdos. Sobre esses métodos Skliar destaca:

[...] um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimaram as práticas terapêuticas habituais. (2005, p. 15).

Ou seja, é necessária uma atenção por parte do surdo para tentar obter uma compreensão do que está sendo falado, ocasionando um cansaço, um desinteresse, o indivíduo acaba desestimulado, e esse conjunto de fatores prejudica o seu aprendizado.

Entre as medidas de adoção para a inclusão dos surdos, podemos frisar também a questão da linguagem bimodal, proposta para o indivíduo utilizar a oralidade, juntamente com a sinalização simultaneamente, pois o surdo deve ter acesso a visualização dos sinais, recebendo a informação visual para associá-la a gesticulação da fala de forma abreviada. Mas também esse método não é de 100% eficácia, apresentando suas desvantagens, já que existe uma deficiência na sincronização entre os sinais e o que está sendo articulado.

A presença de um professor especializado, que possua habilidades e compreenda essa necessidade especial em sala de aula é necessária, mas ainda não é realidade nas escolas. Tendo por base esses aspectos, relata -se uma abordagem sobre a educação bilíngue na prática pedagógica.

Atualmente possui leis e alguns decretos, que enfocam a necessidade desse profissional que vai trabalhar no contra turno, com as crianças que tem necessidades educacionais mais severas ou que necessite de algum tipo de intervenção mais direta e individualizada, realmente ele não está presente em todas as escolas, mas a presença é fundamental principalmente junto aos alunos que tem deficiências múltiplas, para poder ajudá-los a desenvolverem suas habilidades de aprendizado e interação comunicativa.

1.1.4 Educação bilíngue na prática pedagógica

Aceitar a si mesmo e aceitar o outro, aprendendo a viver junto é um desafio, mas necessário para uma estabilização na sociedade entre ambas as partes. A aceitação por parte da escola, e o comprometimento em estabelecer um desenvolvimento comunicativo nesse meio é totalmente essencial. SILVA aponta:

No currículo há o conflito na compreensão do papel da escola, em uma sociedade fragmentada de ponto de vista racial, étnico e linguístico. É preciso assumir em uma perspectiva sociolinguística e antropológica na educação dos surdos dentro da instituição escolar, considerando a condição bilíngue do aluno surdo (2001.p.21).

Toda criança deve adquirir uma língua e através dessa língua ser capaz de fazer suas representações mentais, formular conceitos e compreender o mundo, e a criança surda tem como sua primeira língua a LIBRAS, daí a importância de um educador que possua domínio dessa língua, na vida de uma criança surda, pois será ele o mediador para a comunicação e para que haja interação entre as duas línguas na sala de aula.

Dentro desse meio se pode falar a respeito do bilinguismo que se trata da capacidade de se aprender duas línguas e utilizá-las em momentos educacionais distintos. Uma efetiva integração escolar depende de como cada escola aceita e trabalha com as diferenças. SACKS cogita a respeito das LIBRAS em desvantagem a oralidade que alguns surdos estão adstritos:

As pessoas profundamente surdas não mostram em absoluto nenhuma inclinação inata para falar. Falar é uma Habilidade que tem que ser ensinada a elas, e constitui um trabalho de anos. Por outro lado, elas demonstram uma inclinação imediata e acentuada para a língua de sinais que, sendo uma língua visual, é para essas pessoas totalmente acessível. (1998, p.43)

Para o surdo poder, estar, efetivamente, incluído na classe com os ouvintes, ele necessita dominar a língua oral, o que só pode ocorrer após seu desenvolvimento em línguas de sinais, já que a mesma será sua língua nativa. Sendo assim, após o surdo se familiarizar com a cultura, direitos e ter domínio da sua primeira língua ele poderá partir para o aprendizado de uma nova modalidade. Acerca disso, SKLIAR diz:

Porém, não basta simplesmente traduzir o currículo da escola regular para a língua de sinais, há que se contemplar nele os aspectos culturais das comunidades surdas, sua história e direitos para que o aluno surdo possa se identificar com a cultura de sua comunidade e não somente com a cultura dos ouvintes (1999).

Para isso é necessário que o professor esteja preparado para realização dessa inclusão, propiciando toda essa conjuntura, mas na maioria dos casos não há essa preparação, ocasionando assim, um desarranjo.

É comum observar situações do dia a dia em que alunos ouvintes ajudam alunos surdos, os dois são aprendizes, que necessitam da orientação de um professor qualificado, mas, em muitos casos o professor não se preocupa com a metodologia necessária que deve ser utilizada para fomentar o desenvolvimento e a capacidade comunicativa desses indivíduos. “Falar da diferença provoca, ao mesmo tempo, uma problematização sobre a oposição entre a normalidade e a anormalidade e, inclusive, a problematização da própria normalidade, do cotidiano”. (SKLIAR, 1998).

Algumas leis foram criadas e existem para garantir a inclusão das crianças surdas na escola, para que elas possam ter acesso ao ensino de forma igualitária as demais crianças, extinguindo os obstáculos e promovendo um aprendizado significativo. De acordo com o ME, a “Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, art. 24 do decreto nº 3.298/99 e a Lei nº 7.853/89 decretam que “a pessoa com deficiência tem direito à educação pública e gratuita e, preferencialmente, na rede regular de ensino, e, ainda, se for o caso, à educação adaptada às suas necessidades educacionais especiais.” (BRASIL, 1996). Porém, na atualidade não é perceptível essas adaptações nas escolas em geral.

Com relação as adaptações as necessidades educacionais especiais foi decretada a “[LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002](#)”. (BRASIL, 2002). Destacando em seus artigos:

Art.1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende – se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema

linguístico de natureza visual – motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art.2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Através dessa lei a língua brasileira de sinais foi oficializada legalmente, e a partir deste decreto, passou a ocorrer em todo o país, debates associados a imprescindibilidade da aceitação à característica linguística da convergência surda, e da implementação e utilização das libras nas escolas, como resultado o acréscimo de práticas pedagógicas que estejam realmente preocupadas com a educação dessas crianças portadoras de deficiência auditiva.

A “Lei Nº 11.796/29.10.2008” decretou o dia 26 de setembro como o dia nacional do surdo, dia do reconhecimento desses indivíduos portadores de deficiência auditiva, que em muitos casos são tratados como inferiores as demais pessoas. Essa data marca a luta por direitos iguais, objetivando melhorias na educação, no trabalho, na saúde, em toda a conjuntura dos mesmos, também foi no dia 26 de setembro de 1857 que surgiu a primeira escola para surdos, e que até hoje existe como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

1.2 ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

1.2.1 Aquisição do português como segunda língua para surdos

É necessário visar o avanço da capacidade dos estudantes surdos no ato de se comunicarem, através de um ensino metódico da Língua Portuguesa juntamente com a Língua Brasileira de Sinais. Atribui – se, assim, a função de implantar o bilinguismo nos grupos de pessoas que utilizam a LIBRAS para se comunicarem, compreendendo que o bilinguismo é um procedimento, cujo prazo para a observação de desenvolvimento varia de indivíduo para indivíduo.

Deve – se atribuir aos falantes do português a instrução e compreensão da LIBRAS. Esse conhecimento ajudará aos professores a ensinar português como segunda língua a pessoas que possuem a LIBRAS como língua materna e mostrar para os mesmos que a aprendizagem de uma língua natural se efetiva em conformidade com procedimentos próprios, em serviço da natureza das línguas que envolvem o processo.

A instrução deve privilegiar a 'visão', por meio do ensino da LP escrita, que, por se tratar de disciplina de segunda língua, deve ser ministrada, preferencialmente em uma sala de Atendimento Educação Especializado - AEE, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo.

Embora o estudante surdo se apodere dos conhecimentos através da Língua Brasileira de Sinais, a qual impreterivelmente deve ser integrada as atividades educacionais como fator linguístico, deve – se também ser concebido ao mesmo a aquisição do conhecimento da linguagem escrita através dos mecanismos linguísticos do português, visto que as interposições representativas que dominam a convivência social dos indivíduos com os saberes angariados ao longo dos tempos, são estabilizadas pela escrita, seja ela informal ou seguindo a norma culta da LP.

Deste modo, a realização de um percurso inidôneo pela linguagem escrita, impossibilita a aquisição de conhecimentos e as elocuições que percorrem por esse meio. O aluno surdo não pode ser considerado distinto aos demais perante a lei, portanto o mesmo possui o direito de se apoderar da língua predominante na forma escrita, porque, caso isso não ocorra, o aluno não estaria usufruindo dos seus direitos de cidadão. O conjunto de leis, assegura a LIBRAS como a linguagem de comunicação oficial para a biocenose surda, porém, ratifica que a mesma não comutará a norma culta da LP na sua forma escrita (BRASIL, 2002).

A metodologia de ensino utilizada para o processo de aprendizado de uma língua estrangeira para um indivíduo ouvinte é a mesma que deve ser utilizada para o ensino de português como segunda língua para os surdos. O aluno necessita desenvolver o seu processo de aprendizado de leitura e escrita na língua na qual o mesmo não possui domínio da oralidade. Acerca disso, PEIXOTO ressalta que:

A condição de segunda língua que o Português tem na vida do surdo promove nesse sujeito um estranhamento semelhante ao que nós, ouvintes, temos quando nos deparamos com uma língua estrangeira. Interpretar ou produzir uma escrita estranha à própria língua confronta nossa organização de linguagem e nosso conhecimento gramatical, exigindo uma produção de novas significações que só conseguiremos construir tendo como base a nossa língua materna (2006, p. 209).

O surdo, se comparado a um estrangeiro tentando aprender o português como segunda língua, ou até mesmo um brasileiro tentando aprender o inglês, irá encontrar uma estruturação gramatical notadamente distinta da sua língua materna, e isso irá provocar no mesmo um estranhamento na compreensão e organização estrutural, apresentando dificuldades no uso de artigos, tempos verbais, preposições, concordância, pois esses elementos estruturais se diferem da base da LIBRAS.

1.2.2 Dificuldades com a gramática: o surdo e a coesão textual

Os estudantes surdos não apresentam disfunções cognitivas que os abstenham de se apoderarem dos assuntos referentes à gramática da LP escrita. Todavia, os mesmos possuem dificuldades em relação a prática da leitura e escrita significativa, o que acaba os estorvando de adquirir independência como leitores e escritores da LP, embora estejam inseridos em meio a organizações educacionais que se utilizem de ideologias destinadas para a inclusão educacional do aluno surdo, assim como a comunicação total e o oralismo, visto que nelas, o procedimento para aprimoramento da leitura e da escrita é efetuado relativamente com a oralidade, concernindo fonemas a grafemas (FERNANDES, 2006).

Para Pereira (2009), o que mais aflige os profissionais da educação que trabalham com os alunos surdos são os processos de leitura e escrita. Alguns pensam que a ausência da audição ocasiona problemas na assimilação da leitura e na prática da escrita. Contudo, ao explorar o sistema da didática para surdos verifica – se que alguns dos dados negativos, não resultam das dificuldades de trabalhar com os desenhos da escrita, mas da ausência de uma língua formada.

Alguns levantamentos de estudos feitos no país registram as dificuldades no entendimento da leitura e da escrita da LP pelos alunos surdos, mostrando nas produções textuais uma utilização distinta ou a ausência de classes gramaticais, emprego limitado de preposições e verbos, privilegiando as de percepção lexical e fazendo menos uso da função sintática. Esses fatores foram conferidos a atuação da LIBRAS no processo de produção textual, aparentando assim que a LIBRAS estaria atrapalhando o aprendizado do português escrito, sendo que a conjectura mais verossímil seria porque a didática do português não estaria considerando uma primeira língua distinta existente.

1.2.3 Estratégias para um ensino produtivo de Língua Portuguesa, na modalidade escrita, para surdos

A prática docente para a instrução do português para estudantes surdos tem que ser realizada tendo como base a idealização do estudo em LIBRAS de forma crítica e circunstancial, almejando, de início a interpretação semântica da LP em suas distintas situações contextuais, para que posteriormente, possa avançar para o estudo da estrutura formal da língua. Sendo assim, os alunos estando inseridos nesse processo, eles começam a formular conjecturas acerca da gramática da língua. Diante disso, FERNANDES diz que:

“a língua escrita pode ser plenamente adquirida pelos surdos se a metodologia empregada não enfatizar a relação letra-som como pré-requisito, mas recorrer, principalmente, a estratégias visuais, prioritariamente pautadas na língua de sinais, similares metodologicamente àquelas utilizadas usualmente no ensino de segunda língua para ouvintes” (2006, p. 132-133).

Em relação a um ambiente de estudos mais propício para o ensino e aprendizagem mais significativos é necessário um espaço para trocas ideológicas, em LIBRAS, para a aquisição de saberes, assegurando, desse modo, o êxito nas atividades escolares dos estudantes, sobretudo no aprimoramento do aprendizado da leitura e escrita. Um indivíduo com mais experiência, sendo bilíngue colabora significativamente para o desenvolvimento dessa aprendizagem. GUARINELLO afirma que:

“As atividades com a escrita devem privilegiar a dimensão discursiva da linguagem, envolvendo a interação professor/aluno; o professor deve ser o orientador, o mediador, o parceiro e o cúmplice na construção dessa língua, deixando o sujeito surdo livre para formular hipóteses até que chegue à escrita convencional socialmente valorizada” (2007, p. 365).

Através de exercícios relevantes voltados para a elaboração de textos em combinação entre o mediador e o mediado, no caso o professor e os estudantes surdos, através da LIBRAS, é possível desempenhar um método grupal de retextualização, com o objetivo de adaptar a produção textual realizada às regras da gramática, com ausência de amplas ingerências na produtividade dos estudantes. Dessa forma, existe uma interatividade entre o autor e o leitor do texto na combinação semântica, visto que os critérios de textualidade coesão e coerência são produzidos simultaneamente. GUARINELLO afirma que:

“o domínio do português escrito só acontecerá por meio de seu uso constante, assim, os surdos, como os ouvintes, precisam ter acesso aos diferentes tipos de texto escrito. Além disso, o trabalho com a escrita deve partir do que esses indivíduos já possuem, ou seja, a língua de sinais, pois é essa a língua que dará toda a base linguística para aprendizagem de qualquer língua” (2007, p. 142).

Ou seja, para o ensino de leitura e escrita para surdos é necessário que os mesmos estimulem a prática de produções textuais em diversos gêneros partindo de um suporte, dos conhecimentos prévios que aqueles alunos já possuem, como no caso, a Língua Brasileira de Sinais.

1.3 TECNOLOGIA EDUCACIONAL E ASSISTIVA

1.3.1 A ambivalência da cultura digital na educação

As tecnologias, com o passar do tempo, promoveram um grande avanço na educação, auxiliando na relação interativa entre aluno e professor, na disseminação e aquisição de conhecimento e nas formas de aprendizado. As redes sociais têm como um dos principais fundamentos a abertura a porosidade, possibilitando relacionamentos mútuos sem definição hierárquica

entre os membros da rede. É preciso que todas as pessoas e instituições se adaptem ao novo cenário e compartilhe com todos, uma troca de informações, conhecimentos, recursos e interação, através das redes sociais.

Um fator negativo preocupante é o grau de bobagem coletiva que Lévy ressalta. É a forma que o indivíduo utiliza a tecnologia apenas para acumular-se de dados sem qualquer informação relevante. Como por exemplo, usar o facebook na hora da aula, ou até mesmo em horário de estudos em casa. Muitos dos internautas apenas perpassam por ele, sem obter nenhum aprendizado ou conhecimento. Dessa forma, ele tirará totalmente o foco do assunto a ser estudado.

A televisão também tem um grande poder de distrair e tirar a atenção no momento em que se lê um livro, por exemplo. Quantos educandos chegam da escola e vão “perder tempo” no Vídeo Game, ao invés de rever o conteúdo visto em sala de aula? Essas e outras são formas de entretenimento que atrai principalmente os jovens. Mas a questão é: saber a forma correta de desfrutar dessa cultura digital, sem que ela se torne negativamente impactante.

Por outro lado, as possibilidades oferecidas pela cultura digital inovam o processo de educação. As TIC's são utilizadas como recurso didático, que possibilitam um leque de utilidades tanto para os alunos como para os professores. Os alunos podem utilizá-las para diversas pesquisas, elaborar trabalhos por meio de Slides, apresentando - os via Datashow e etc.

O ensino assistido ou auxiliado por computador, Tablet's e outros dispositivos eletrônicos parte do pressuposto de que a informação é a unidade fundamental no ensino e, portanto, preocupa-se com os processos de como adquirir, armazenar, representar e, principalmente, transmitir informação. Nesse sentido, o computador é visto como uma ferramenta poderosa de armazenamento, representação e transmissão da informação.

Os professores utilizam formas mais interativas, para dessa forma instigar o aluno a se interessar pela aula, tendo em vista a apresentação de filmes com temáticas que permita os alunos a refletir sobre eles. Criam grupos em redes sociais e e-mail coletivo, viabilizando a comunicação, para que possam enviar conteúdo, resultado de avaliações, etc.

O ensino não é mais visto como uma sucessão de etapas, e sim um processo contínuo. O aluno precisa entrar em contato com dificuldades

progressivas do conteúdo. Desse modo, desenvolve competências e habilidades diferentes ao longo dos anos. O ensino assistido ou auxiliado por computador, Tablet's e outros dispositivos eletrônicos parte do pressuposto de que a informação é a unidade fundamental no ensino e, portanto, preocupa-se com os processos de como adquirir, armazenar, representar e, principalmente, transmitir informação.

Nesse sentido, o computador é visto como uma ferramenta poderosa de armazenamento, representação e transmissão da informação. Nos ambientes virtuais interativos de aprendizado, o aprendizado é entendido como a construção individual do conhecimento a partir de atividades de exploração, investigação e descoberta.

As dificuldades impostas de professores aos alunos, tendem a interação entre eles ser maior, devido a necessidade de troca da informação, portanto, a interação social entre professores e alunos tendem a gerar conhecimento, questionamento e um melhor aprendizado.

A tecnologia é grande aliada na disseminação de conhecimentos no meio acadêmico. É importante ressaltar que estes recursos não geram conhecimentos, funcionam apenas como condutores, ou seja, meios de armazenagem que proporcionam a troca de conhecimentos.

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social. (...) As tecnologias transformam suas maneiras de pensar, sentir e agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos (KENSKI, 2010, p. 21).

Cabe à organização buscar a melhor forma de gerenciar o conhecimento que passará a ser gerado pelas interações sociais ocorridas nos ambientes virtuais e nas comunidades de prática online. Os ambientes virtuais oferecidos pelas universidades devem ser capazes de gerar a interação e a colaboração espontâneas entre os seus usuários, de modo que o intercâmbio de informações flua naturalmente para a construção do conhecimento no ambiente

acadêmico. A forma como essas redes serão administradas irá determinar o sucesso da obtenção do conhecimento.

1.3.2 O ciberespaço como instrumento inovador na sala de aula

O ciberespaço é o universo virtual constituído por redes digitais, que abrange todo tipo de informação. E possibilita os internautas que são geograficamente distantes, trocarem informações. Segundo Pierre Lévy “o virtual não se opõe ao real, mas sim o complementa e o transforma”. Dessa forma, não se pode diferenciar virtual do real, pois um complementa o outro, e agem como transformadores tanto na forma de comunicação, quanto na de obter informação.

Tecnologia e educação são conceitos indissociáveis. Educação diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”. Para que ocorra essa integração, é preciso que conhecimentos, valores, hábitos, atitudes e comportamentos do grupo sejam ensinados e aprendidos, ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases da educação (KENSKI, 2007, p. 43).

No âmbito acadêmico é perceptível o grau de transformação que o ciberespaço causa. Como por exemplo, com o advento desse novo instrumento, é possível que pessoas que não tem disponibilidade para cursar um determinado curso presencial, possa cursa-lo via internet.

Nas redes sociais há uma mobilidade de informação muito vasta, onde os indivíduos trocam conhecimentos. Para Lévy, “o ciberespaço representa um estágio avançado de auto-organização social, ainda que em desenvolvimento - a inteligência coletiva (...)” A comunicação por meio das redes sociais permite que as pessoas se comuniquem com maior facilidade, ampliando a capacidade de correlacionar e integrar informações novas, permitindo que sejam criadas novas formas de se expressarem no ciberespaço. BARRETO afirma que:

Infere-se por detrás dessa ação despretensiosa dos cibernautas, ao usarem a palavra escrita no ciberespaço, uma inquietação no sentido de afirmar que existe uma nova prática de se produzir língua(gem), posto que os cibernautas, por meio do uso das tecnologias intelectuais disponíveis na web; assumem diferentes posições no ato comunicativo, isso significa que usam códigos variados visando a comunicação e a interlocução como ciberleitores. (2008, p.04)

É importante reconhecer as utilidades dessa nova era tecnológica. A maneira correta de usufruir o que ela proporciona está relacionada a conscientização de cada indivíduo, pois muitos possuem o interesse em se acomodar, em conseguir o produto já pronto, sem ter o mínimo de esforço em estudar e desenvolver o assunto, agindo assim os recursos tecnológicos não estão a favor do desenvolvimento, mas sim da regressão, da opressão do raciocínio.

1.3.3 A atuação da Tecnologia Assistiva para surdos

A descoberta de algo novo, um interesse despertado são pontos fundamentais para a realização de uma investigação mais aguçada a respeito de um determinado assunto, principalmente se o mesmo for acerca de uma melhor qualidade de vida para pessoas deficientes. A discussão é necessária, críticas, contradições e opiniões diversas existem para se ter uma melhor interpretação e conseqüentemente um melhor resultado e quando se fala em tecnologia assistiva, refere – se a utilização de todo esse conjunto destinado a pessoas com algum tipo de deficiência.

A tecnologia desperta interesse e entusiasmo nos alunos em fazer novas descobertas, o que é algo bastante proveitoso, principalmente quando se refere a alunos surdos, que por se considerarem diferentes dos demais, na maioria das vezes se sentem desmotivados e a tecnologia assistiva pode contribuir satisfatoriamente motivando o mesmo, ao possibilitar que ele realize determinada atividade, que seja adequada para o mesmo, já que nem sempre existe uma acessibilidade (BRUNO e SÁ, 2008). Assim, o professor deixa definitivamente de ser o detentor de todo o saber, para se afirmar como um

orientador, um intermediário entre o aluno e os conhecimentos que a TA pode fornecer.

Deve - se buscar entender os fatores contribuintes das novas tecnologias para o crescimento dentro do âmbito educacional para esses estudantes que possuem necessidades educacionais mais severas devido à ausência da audição, tendo em vista que quando colocados na balança devam pesar mais como benefícios do que malefícios. E ainda, identificar o conhecimento ligado à interação social e a difusão da informação por meio das redes sociais, pois deve existir a inclusão dos mesmos em todos os âmbitos que a tecnologia está presente (MENESES, LINHARES e GUEDES, 2011).

Ainda que seja frisado a parte positiva do advento da tecnologia na educação inclusiva, é importante deixar claro que nem tudo o que ela oferece é totalmente proveitoso. Mas é preciso manter-se receptivo à novidade, e tentar compreender os efeitos qualitativos que ela proporciona. Um dos fatores positivos que a TA possibilita ao público com deficiência auditiva é a existência de materiais e produtos que promovem uma melhora no seu estado clínico e nas suas relações sociais cotidianas, como por exemplo a criação dos aparelhos auditivos que melhoram a audição de quem tem perda parcial, o que consequentemente promove uma elevação da auto estima.

Para Oliveira, Costa e Moreira (2001) a presença de softwares educativos em salas de aula com alunos surdos, atuando como ferramenta auxiliadora no ensino é uma forma proveitosa de se utilizar essa tecnologia com objetivo de gerar benefícios tanto na qualidade de vida pessoal desses alunos, quanto na sua vida acadêmica.

2 SOFTWARE EDUCATIVO LIBURGUÊS BILÍNGUE

2.1 Apresentação e proposta do software

O software educativo Liburguês Bilíngue trata – se de uma ferramenta desenvolvida pelo pesquisador do estudo para atuar como auxílio no ensino de Língua Portuguesa para surdos, especificamente no ensino de duas classes gramaticais, que se tratam do artigo e da preposição. Os surdos não possuem conhecimentos acerca dessas classes de palavras, já que ambas não existem na Língua Brasileira de Sinais, o que acarreta algumas dificuldades no processo de leitura e escrita dos mesmos, sobretudo no estabelecimento da coesão textual.

Tratando do conteúdo, o aplicativo LB, apresenta ensinamentos acerca da aplicação correta dos artigos definidos O / A / OS / AS, e indefinidos UM / UMA / UNS / UMAS com relação a variação em gênero e número, como também ensinamentos a respeito da utilização das preposições DO / DA / NO / NA em palavras e sentenças soltas, assim como em parágrafos contextualizados, sempre interagindo o português com a LIBRAS.

Ao abrir cada módulo do aplicativo, os usuários terão acesso ao processo de aplicação dos conteúdos que estão separados por tópicos de forma detalhada e com exemplificações de uso, facilitando o aprendizado dos mesmos. O software proporciona aos usuários, uma utilidade prática tanto na escola com o estudo dos módulos de ensinamentos em consonância com a metodologia de ensino do professor, quanto em casa com a ajuda de algum parente ou amigo. A seguir serão exibidas imagens do software em seus módulos e tópicos para uma apreciação mais aguçada.

2.1.1 Módulo artigo

Figura 01: Menu geral do software

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 02: Menu geral do módulo artigo e menu do tópico de artigos definidos



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 03: Páginas 01 e 02 do tópico de artigos definidos no singular

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 04: Páginas 03 e 04 do tópico de artigos definidos no singular



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 05: Páginas 05 e 06 do tópico de artigos definidos no singular

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 06: Página 07 do tópico de artigos definidos no singular e 01 dos definidos no plural

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 07: Páginas 02 e 03 do tópico dos artigos definidos no plural

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 08: Páginas 04 e 05 do tópico dos artigos definidos no plural

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 09: Menu e página 01 do tópico de artigos indefinidos

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 10: Páginas 02 e 03 do tópico dos artigos indefinidos no singular

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 11: Páginas 04 e 05 do tópico dos artigos indefinidos no singular



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 11: Páginas 06 e 07 do tópico dos artigos indefinidos no singular



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 13: Páginas 01 e 02 do tópico dos artigos indefinidos no plural

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 14: Páginas 03 e 04 do tópico dos artigos indefinidos no plural



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 15: Páginas 05 e 06 do tópico dos artigos indefinidos no plural

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

2.1.2 Módulo preposição

Figura 16: Menu geral do módulo preposição e página 01 do tópico DO/DA no singular



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 17: Páginas 02 e 03 do tópico das preposições DO/DA no singular

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 18: Páginas 04 e 05 do tópico das preposições DO/DA no singular



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 19: Páginas 06 e 07 do tópico das preposições DO/DA no singular

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 20: Página 08 do tópico DO/DA no singular e página 01 do tópicos DOS/DAS no plural



Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 21: Imagens 02 e 03 do tópico das preposições NO/NA no singular

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

Figura 22: Imagens 02 e 03 do tópico das preposições NO/NA no singular

Fonte: Desenvolvedor do SE, 2017.

3 CORPUS DE PESQUISA

3.1 Características e campo do estudo

Para o processo de realização desse estudo foi utilizada uma pesquisa aplicada, uma vez que, de acordo com Marconi (2008), a mesma se configura por uma preocupação prática, onde as respostas obtidas devem ser, rapidamente adotadas para promover soluções ou amenizar problemas da sociedade. Os métodos utilizados se caracterizam como descritivos já que exibem propriedades de alguma população e evidencia relações entre as variáveis (GIL, 2002).

Acerca da abordagem utilizada para esse estudo, a mesma foi de cunho quanti - qualitativo, já que apresenta dados estatísticos, discussão e análise do problema de pesquisa, buscando reconhecer a eficiência dos resultados. Foi realizada através da técnica de entrevistas.

Diante dos fatos apresentados, a tabela abaixo visa exibir os detalhes da classificação da pesquisa:

Tabela 01: Detalhes de classificação da pesquisa

CATEGORIZAÇÃO	DEFINIÇÃO
Quanto a natureza	Pesquisa Aplicada
Quanto a abordagem	Quanti - Qualitativa
Quanto aos objetivos	Descritivos
Modelo	Pesquisa de campo
Local	Em campo

Fonte: Pesquisador do estudo, 2017

3.2 População e amostra

Para efetivação do processo de desenvolvimento do estudo foi utilizada uma população de vários professores de LIBRAS da região. Foram selecionados como participantes professores que apresentavam características específicas do interesse do pesquisador para o estudo, sendo, portanto uma amostra que atende aos objetivos desejados e não probabilística. Ao todo, foram selecionados 20 professores das cidades de Patos, Pombal, São Bento e Catolé do Rocha. A tabela a seguir mostra o total de população da amostra empregada no processo de realização do estudo:

Tabela 02: Total da população de amostra da pesquisa

PARTICIPANTES	QUANTIDADE	CIDADE
PROFESSORES	6	Patos
	8	Pombal
	4	São Bento
	2	Catolé do Rocha

Fonte: Pesquisador do estudo, 2017

3.3 Critérios de inclusão

Os fatores determinantes para selecionar os professores participantes do estudo foram: possuir graduação ou especialização em LIBRAS, ter contato e convivência frequente com pessoas surdas, ser atuante na área de formação e ter disponibilidade para colaborar com a pesquisa, se comprometer

seriamente com a realização das entrevistas e assinar o termo de livre consentimento.

3.4 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos metodológicos

Para o processo de coleta de dados do estudo, foram utilizados como instrumentos: um protótipo de Software Educativo Mobile, criado pelo pesquisador como ferramenta auxiliadora no ensino de artigo e preposição para surdos e alguns questionários estruturados com perguntas objetivas acerca da temática do estudo (apêndice 01).

A primeira etapa de realização do estudo consistiu em uma revisão de literatura acerca da temática trabalhada. Foram abordados a inclusão dos surdos na escola, o ensino especial de LP e a tecnologia educacional e assistiva para os mesmos. A partir disso foi desenvolvido pelo pesquisador o Software Educativo “Liburguês Bilíngue” como instrumento de auxílio para o ensino de artigo e preposição para estudantes surdos.

Após a apresentação do protótipo do software, foram elaborados questionários estruturados sobre o mesmo e também sobre o processo de ensino de LP para esses jovens que possuem necessidades educacionais mais severas devido à ausência da audição, e direcionados para os 20 professores entrevistados. Após coletar as respostas das entrevistas foi realizada uma análise dos resultados obtidos.

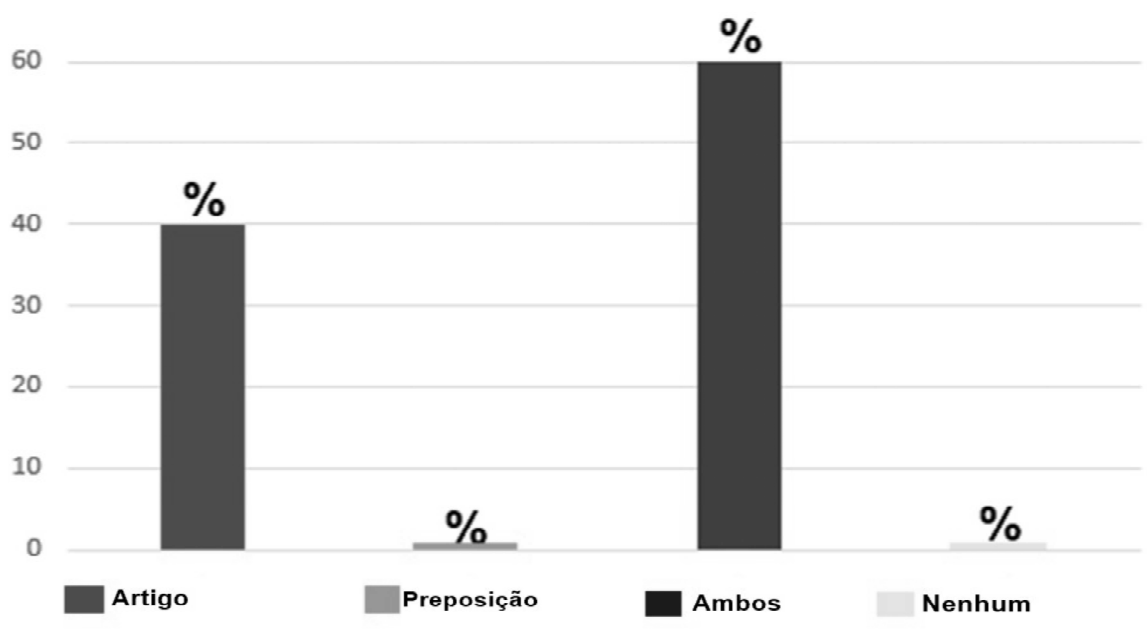
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

4.1 Opinião dos professores sobre a proposta do software educativo

Com o intuito de obter informações adicionais acerca do assunto tratado, foram levantados alguns questionamentos, os quais foram destinados aos professores entrevistados para uma análise de dados com relação a proposta do software como ferramenta auxiliadora no ensino de LP para surdos e a instabilidade desse modelo de ensino.

O gráfico 01 apresenta a opinião dos professores sobre a proposta do uso do software:

Gráfico 01 - Na sua opinião, o software LIBURGUÊS BILINGUE irá contribuir mais para o aprendizado de artigo ou preposição?

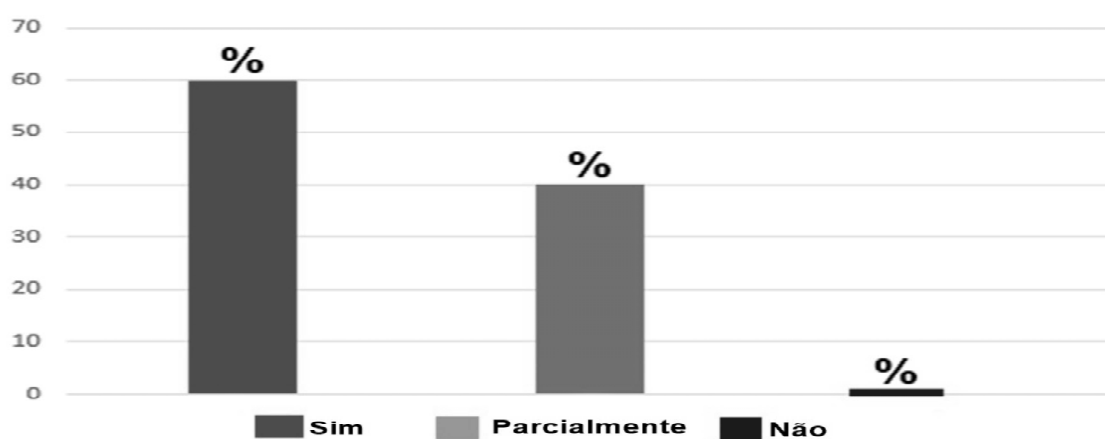


Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Através da análise das respostas obtidas foi possível perceber que 60% dos professores abordados, após conhecerem o software, concluíram que o mesmo poderia contribuir para uma melhora no ensino das duas classes gramaticais, objetos de estudo deste trabalho, enquanto que 40% acredita que o software surtirá mais efeito no ensino somente de artigo devido à complexidade do aprendizado das preposições.

O gráfico 02 mostra a opinião dos entrevistados referente a acessibilidade do software para o seu público alvo:

Gráfico 02 - O software se adequa ao nível de instrução dos alunos?

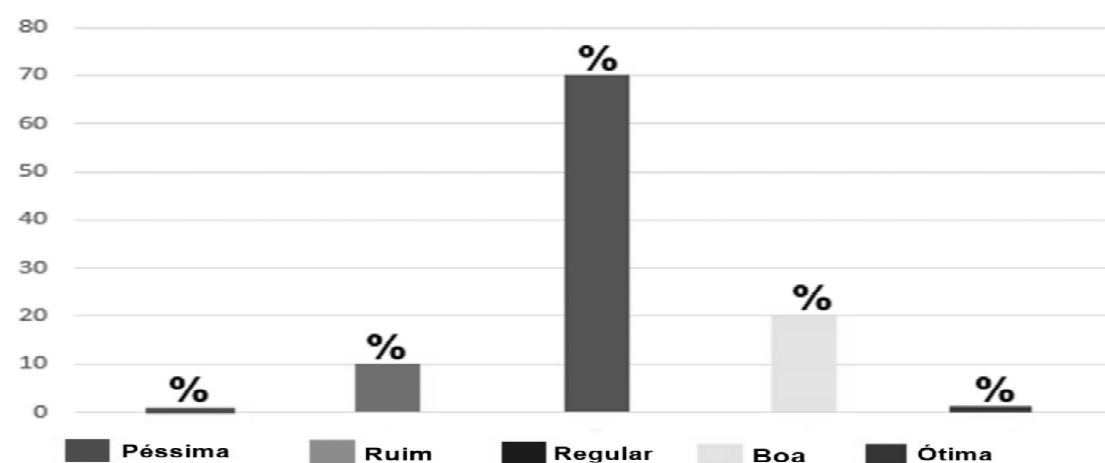


Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Após colher as respostas do referido questionamento nota – se que houve um certo equilíbrio entre as duas primeiras alternativas, se sobressaindo a resposta “sim”. Isso se deve devido aos professores acreditarem que o software apresenta uma ludicidade e interatividade que despertará o interesse dos alunos, porém, a não habitualidade de uso da ferramenta e o não contato com os conteúdos presentes no aplicativo foram motivos para que 40% dos entrevistados deduzissem que a acessibilidade seria de forma parcial.

O gráfico 03 expõe a crença dos professores na contribuição do software:

Gráfico 03 - O software sendo utilizado como ferramenta auxiliadora no ensino de LP para surdos apresentará uma contribuição péssima, ruim, regular, boa ou ótima



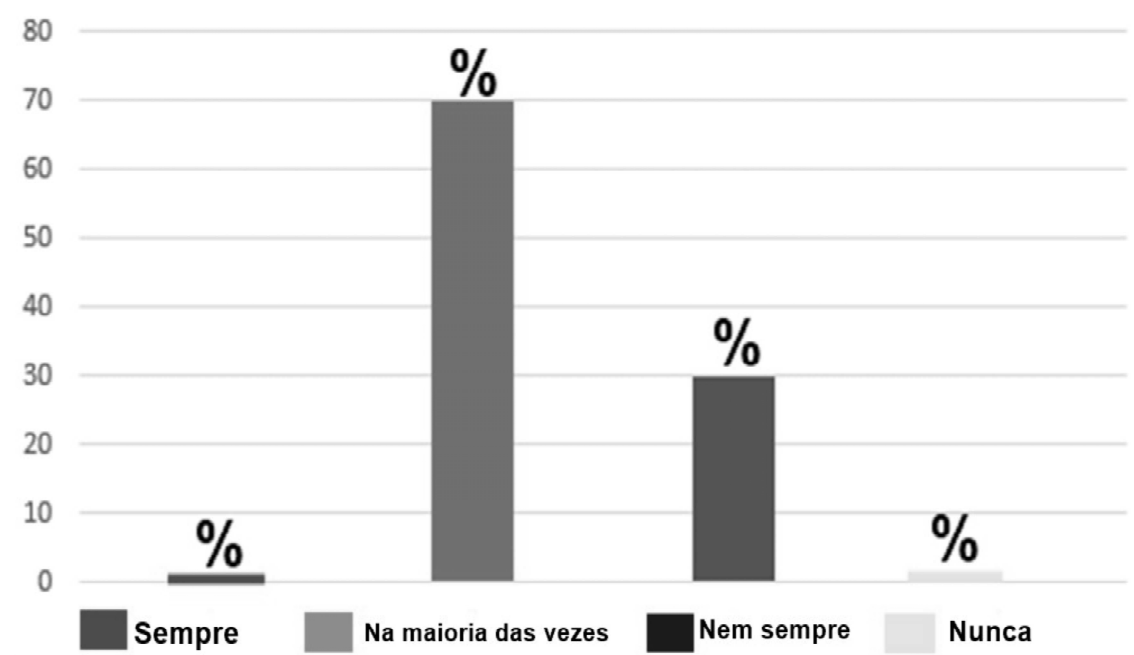
Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Conforme os dados obtidos, evidencia – se que 70% inferem que a ferramenta contribuirá para o aprendizado dos jovens surdos de forma regular devido as dificuldades que os alunos possuem em assimilar tais classes

gramaticais. 10% acreditam que o software não terá contribuição e servirá apenas para uma diversão educativa. Enquanto que 20% acredita no benefício que o app pode propor.

O gráfico 04 exibe o que os professores pensam acerca da receptividade dos alunos as suas metodologias de ensino com o software:

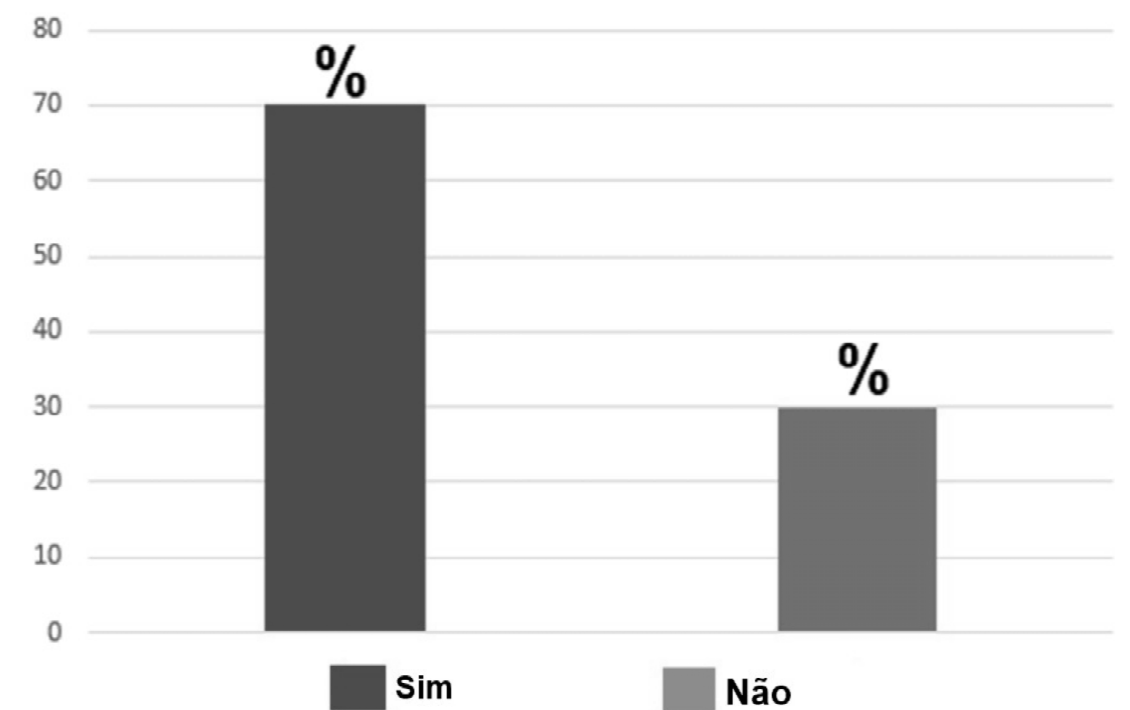
Gráfico 04 – Os alunos conseguiriam acompanhar os assuntos seguindo sua metodologia didática em consonância com o software?



Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

70% dos professores, usando como respaldo suas experiências enquanto docentes, pressupõe que a adesão dessa nova ferramenta de estudo pelos alunos em conjunto com suas metodologias didáticas já em uso faria com que os mesmos acompanhassem e assimilassem os conteúdos de maneira mais rápida e significativa na maioria das vezes que eles fizessem uso do aplicativo juntamente com as atividades e propostas já desenvolvidas. Entretanto, 30% disseram que nem sempre isso aconteceria, pois os alunos em alguns momentos poderiam ficar confusos.

O gráfico 05 mostra a opinião dos professores entrevistados a respeito da utilização do software educativo fora do ambiente escolar:

Gráfico 05 – Você acha que o aluno deve usar o software educativo fora do ambiente escolar?

Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

No que diz respeito ao horário e local de uso da ferramenta tecnológica proposta, 70% dos professores são a favor do aluno utilizar o aplicativo fora da sala de aula, pois ao fazer isso o mesmo estaria se adaptando a essa ferramenta de forma mais confortável, sem a pressão do professor, sem um horário estabelecido para o início e término de exploração, além de compartilhar informações e continuar aprendendo os conteúdos com amigos e familiares.

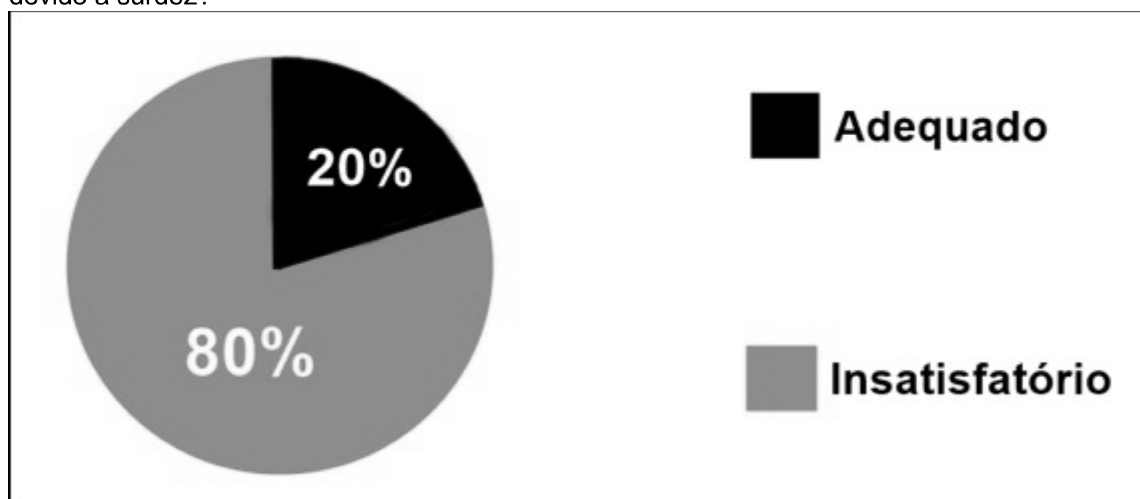
30% dos professores são contra o uso da ferramenta fora do ambiente de aula, pois o aluno estaria excedendo os seus limites, já que em sala de aula ele iria estudar com o software juntamente com a metodologia já aplicada até o momento pelo professor, o aluno iria estudar de forma dupla em sala de aula e isso já iria exigir muito do mesmo, por isso, ao chegar em casa ou em outros lugares, o mais aconselhável seria o estudante realizar outras atividades para não se sobrecarregar e acabar prejudicando o aprendizado.

4.2 Opinião dos professores acerca do ensino de LP para surdos

O objetivo do software desenvolvido é ajudar no ensino de gramática para os alunos surdos. Anteriormente foi relatado os posicionamentos de alguns professores acerca dessa proposta, mas e o ensino de língua portuguesa para esses estudantes que possuem necessidades educacionais mais severas, como é visto e debatido pelos profissionais da área? Abaixo, serão apresentadas as crenças desses profissionais com relação a temática abordada.

O gráfico 06 traz os posicionamentos dos professores sobre como é tratado o esse modelo de ensino na atualidade:

Gráfico 06 - Na sua opinião, enquanto professor (a) como é tratado o ensino de Língua Portuguesa, na atualidade, para esses que possuem necessidades educacionais mais severas devido a surdez?



Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

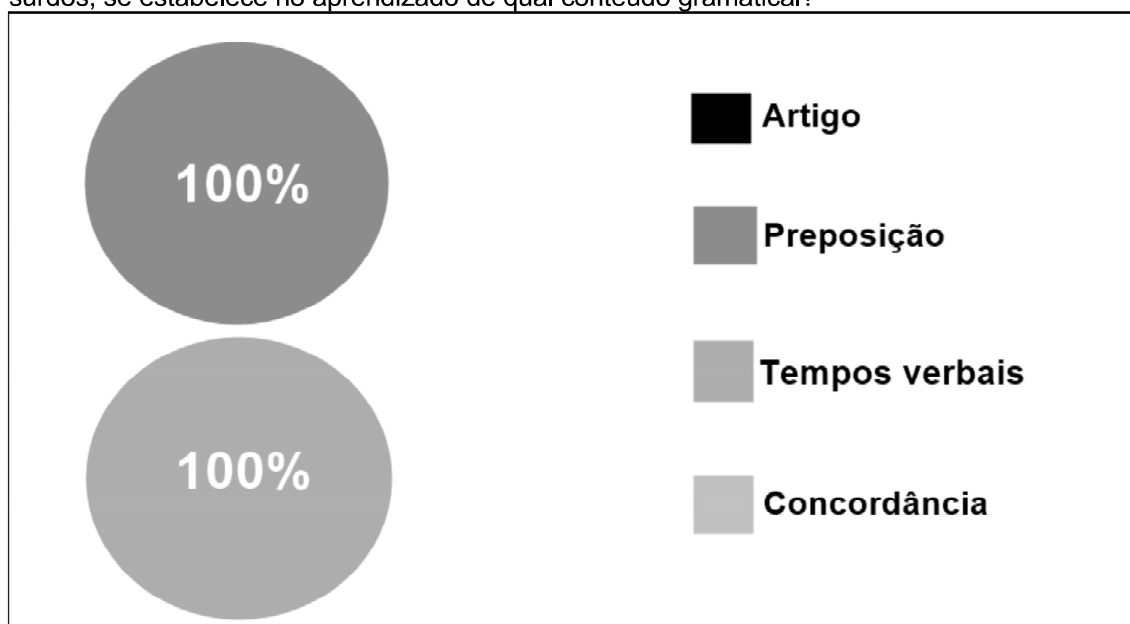
De acordo com os resultados, 20% relataram que o ensino de LP para esses estudantes vem ocorrendo de maneira adequada dentro do possível, pois se existe o intérprete em sala de aula para atuar junto ao professor titular, se é pensado estratégias para esse tipo de ensino e que são colocadas em prática, está sendo propiciado aos jovens a educação bilíngue, lutando para quebrar as barreiras e possibilitando que o surdo aprenda o português como segunda língua.

Com opiniões divergentes, 30% afirmam que essa modalidade de ensino ainda está insatisfatória mediante o número de alunos surdos existentes e as condições precárias para que se obtenha um aprendizado significativo, pois a

maioria das escolas não estão preparadas para dar assistência a esse tipo de aluno, e a escassez de profissionais especializados na área também é um fator relevante para que isso ocorra. Com isso, muitos professores que não tem conhecimento da LIBRAS e nem acerca da identidade e cultura dos surdos, quando se deparam com esse tipo de aluno, na maioria das vezes não sabem como agir, contribuindo cada vez mais para o déficit no aprendizado do português.

O gráfico 07 apresenta em qual conteúdo gramatical os professores possuem mais dificuldades em ensinar e os alunos a aprenderem:

Gráfico 07 - A maior dificuldade, definida por você, em ensinar gramática para estudantes surdos, se estabelece no aprendizado de qual conteúdo gramatical?



Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Ao analisar as respostas desse questionamento é possível ver algo diferente das análises anteriores. Todos os professores entrevistados disseram que a maior dificuldade está no aprendizado de preposição e tempos verbais. Ao ensinar artigo, mesmo sem o aluno possuir qualquer tipo de conhecimento acerca do conteúdo, as dificuldades são mais fáceis de serem superadas, pois o nível de complexidade do assunto não é tão elevado e o mesmo é mais limitado, com isso o aluno se habitua de forma mais rápida.

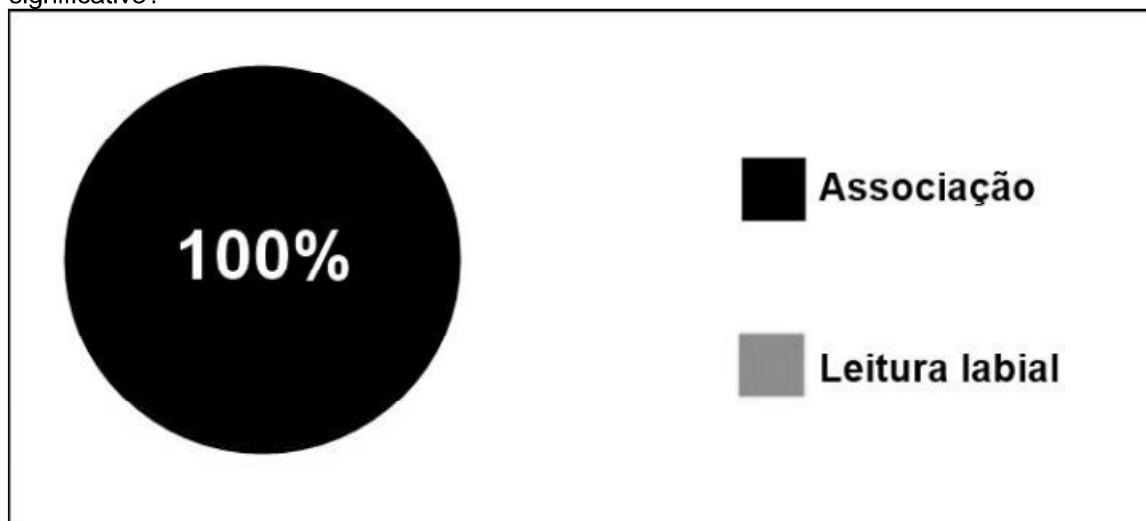
Os alunos confundem bastante os artigos definidos com os indefinidos e suas variações quanto a gênero e número, mas nada comparado ao grau de dificuldade que os mesmos possuem com o aprendizado de preposição e

tempos verbais, já que são muitas preposições existentes e cada uma com suas especificidades e semelhanças, os alunos trocam a maioria delas e não assimilam o seu significado e função de uso.

Na comunicação em LIBRAS, os verbos são expressos sempre no infinitivo, portanto os surdos não conhecem nenhum tipo de conjugação verbal da língua portuguesa, e quando o mesmo vai escrever determinada oração, ele irá transcrever o verbo como ele o conhece, ou seja, no infinitivo. Devido a isso, quando é apresentada as conjugações verbais, esses alunos as encaram como “bichos de sete cabeças” e sentem uma enorme dificuldade em aplicá – las. Esses fatores mencionados acarretam conseqüentemente o erro na concordância, seja ela nominal ou verbal.

O gráfico 08 mostra qual das metodologias didáticas apresentadas para o ensino de LP é mais utilizada pelos os professores para com seus alunos surdos:

Gráfico 08 - Qual metodologia didática você utiliza para promover um aprendizado significativo?



Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

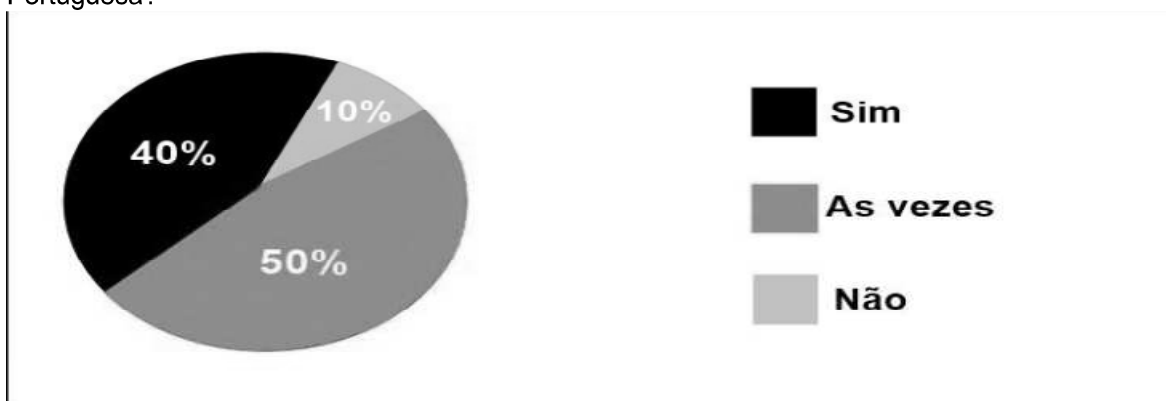
Unanimidade das respostas foram no método de associação como metodologia mais eficaz para o aprendizado. A leitura labial nem sempre surtirá efeitos já que os surdos apresentam dificuldades em assimilar as palavras através dessa prática. Aqueles que nasceram ouvintes e tiveram a oportunidade de adquirir o vocabulário da LP e perderam a audição posteriormente possuem mais facilidade em compreender a comunicação pela leitura labial, porém, aqueles que já nasceram surdos não possuem

conhecimento de vocabulário juntamente com experiência como falante e ouvinte, portanto, eles encaram a leitura labial visualmente simplesmente como lábios se movimentando.

Com o processo de associação da língua portuguesa com a sinalização da LIBRAS, o aluno poderá aprender o significado daquela palavra através dos sinais icônicos, que são aqueles que tem semelhança com um dado real da palavra aprendida e com os sinais arbitrários, que são aqueles que não possuem nenhuma ligação direta com o referente a que ele representa. O aluno aprendendo o alfabeto datilológico associado ao alfabeto da LP fará com que ele conheça e assimile a relação entre a letra e o sinal.

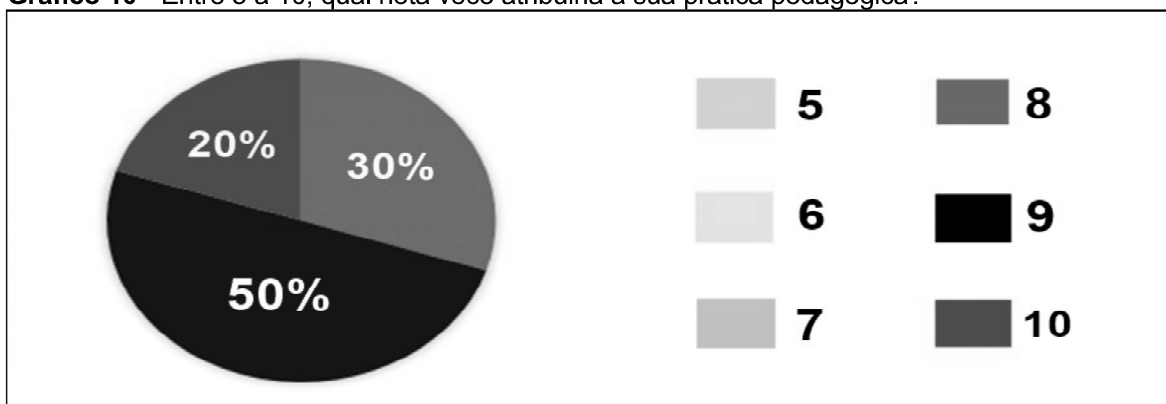
Os gráficos 09 e 10 exibem respectivamente o interesse dos alunos surdos em aprender o português escrito e a auto avaliação dos docentes sobre suas práticas pedagógicas:

Gráfico 09 – Os alunos surdos são interessados e esforçados em aprender Língua Portuguesa?



Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Gráfico 10 - Entre 5 a 10, qual nota você atribuiria a sua prática pedagógica?



Fonte: elaborado pelo autor da pesquisa

Através das respostas pôde – se entender que os alunos possuem momentos nos quais estão mais interessados e outros que demonstram estarem mais distraídos, sendo que a minoria realmente não possui muito interesse no aprendizado. Com relação a auto avaliação dos professores nota – se que os mesmos se consideram na média como bons docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intencionalidade desse trabalho foi suceder um estudo com o desenvolvimento do protótipo de um Software Educativo, para uma discussão e averiguação acerca da desenvoltura linguística e cognitiva do aprendizado dos indivíduos surdos ao ensino de Língua Portuguesa, especificamente as classes de palavras “artigo e preposição”, no recinto escolar. Foi executada uma pesquisa de campo, com a realização de entrevistas a professores de LIBRAS sobre a problemática apresentada, as quais apontaram resultados negativos ao referir – se ao avanço das competências racionais dos surdos, juntamente com a sua evolução no processo de leitura e escrita, sobretudo nas classes gramaticais objetos desse estudo.

De início, procurou – se entender, por meio de algumas concepções referentes ao desenvolvimento, aprendizagem e meios comunicativos, como se dar a ampliação intelectual e cognitiva do indivíduo surdo, através de uma revisão de literatura, dando ênfase a importância da implementação da Língua Brasileira de sinais desde cedo, já que essa é a língua materna do surdo e é através dela que ele realiza sua comunicação com eficácia. Foram indagados também os aspectos do surdo pela sua incapacidade de ouvir, encaminhando a reflexão sobre a necessidade da utilização total da língua de sinais para o mesmo como língua materna e o português como segunda língua. Definiu – se o indivíduo surdo também quanto a sua cultura e identidade, ou seja, a pessoa surda não como modelo clínico terapêutico, mas sim no âmbito sócio interacionista de aprendizagem.

Os alunos surdos possuem a experiência de viver em um mundo silencioso que lhes permitem compreender o mundo de maneira distinta através do olhar. Esse entendimento particularizado estabelece uma cultura

intrínseca com códigos específicos, maneiras de organização, de companheirismo e de linguagem, atributos que não são iguais quando nos referimos a cultura que abrange a sociedade da maioria dos ouvintes e, no que se refere a tecnologia na educação, a mesma não está limitada ao público ouvinte, na qual só poderia contribuir no aprendizado das pessoas com a capacidade de ouvir. Portanto é preciso desmistificar os estereótipos criados acerca das limitações dos surdos em todos os aspectos da era digital.

Através das respostas obtidas nas entrevistas realizadas sobre a utilização do software proposto como metodologia de ensino para os alunos surdos, os professores entrevistados se mostraram interessados pela proposta e acreditaram que o software poderia contribuir para o aprendizado dos alunos surdos no que se refere as categorias gramaticais de artigo e preposição.

Quando o professor se conscientiza e procura proporcionar a interação entre diversas culturas e instrumentos para aplicar novas metodologias didáticas, aplicando métodos para estabelecer um elo, desenvolvendo a capacidade de comunicação e aprendizado dos seus alunos em conjunto, iremos perceber uma evolução significativa no tratamento da educação inclusiva e no avanço do processo de aprendizado do português escrito.

REFERÊNCIAS

BARRETO, R. G. **As tecnologias na política nacional de formação de professores a distância.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104, Especial, p. 04, out. 2008.

BRAGA, Denise Bértoli. **Práticas Letradas Digitais: Considerações sobre Possibilidades de Ensino e Reflexão Social Crítica.** In ARAÚJO, Júlio César (org.). Internet e Ensino: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002,** que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais–Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicado no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

_____. **Lei Nº 11.796/29.10.2008 - Dia Nacional dos Surdos.** Disponível em: <http://www.soleis.adv.br/surdos.htm>.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; SÁ, Michele Aparecida. **A inclusão de alunos surdos no sistema regular de ensino: uma análise das concepções e reflexões dos professores.** Anais do 9º Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED – Centro Oeste. Brasília, 2008.

FARIA, S. R (2001). **'Interface da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS com a língua portuguesa e suas implicações no ensino de português para surdos.** Pesquisa Lingüística, nº 6. Universidade de Brasília.

_____. 2002. **'Panorama do ensino de LP para surdos ao longo dos anos.'**

FELIX, Ademilde. **Surdos e ouvintes em uma sala de aula inclusiva : interações sociais, representação e construções de identidades,** 2008.

FERNANDES, S. **Letramentos na educação bilíngüe para surdos.** In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, Giselle; ANGELIS, C. M. de, (org.) Letramento: referenciais em saúde e educação. São Paulo: Plexos, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. 1995. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ, Eugênio. **Necessidades educacionais específicas.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.** São Paulo: Plexus, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. –Campinas, SP: Papirus, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Editora 34 Ltda, 1999.

LULKIN, Sérgio Andrés. **O DISCURSO MODERNO NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada**. In: SKLIR, Carlos (Org.) *A surdez; Um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MANTOAN, M.T.E. “**O Processo de Conhecimento – Tipos de Abstração e Tomada de Consciência**”. NIED-Memo 27. NIED-Unicamp, Campinas, 1994.

MARCONI, M.A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. Ed São Paulo: Atlas, 2008.

MENESES, Soraya Cristina Pacheco de; LINHARES, Ronaldo Nunes; GUEDES, Josevânia Teixeira. **As Redes Sociais Promovendo a Comunicação da Pessoa Surda**. Disponível em <<http://www.educonuf.com.br>> /. Acesso em: 17 de setembro de 2016.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Federal nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, art.24 do decreto nº 3.298/99 e a Lei nº 7.853/89**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.Br/Seeesp- Portal Seesp](http://portal.mec.gov.Br/Seeesp-Portal%20Seesp)> Acesso em: 25 mar. 2006.

OLIVEIRA, Celina Couto de; COSTA, José Wilson da; MOREIRA, Mercia. **Ambientes Informatizados de Aprendizagem: Produção e Avaliação de Software Educativo**. Campinas: Papirus, 2001.

OLSON, David R. “**Culture, technology and intellect**” In: RESNICK, L. B. *The nature of intelligence*, Hillsdale, NJ, 1976.

PEIXOTO, R. C. **Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda**. Campinas: Caderno Cedes, 2006.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha, **Leitura, Escrita e Surdez**. SENP /CAP, 2º Edição, São Paulo: FDE, 2009.

_____; VIEIRA, M. I. S. **Bilinguismo e Educação de Surdos**. Revista Intercâmbio, São Paulo, v. 19, 2009.

RECUERO, Rachel. **Redes Sociais na internet**, Porto alegre: Sulina, 2009.

Revista escola on-line disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/papel-letras-interacao-social-432174.shtml>. Acesso em: 20 de julho de 2016.

RIPPER, Afira Vianna. **O preparo do professor para as novas tecnologias**. São Paulo: SENAC, 1999 apud OLIVEIRA, Vera Barros de (Organizadora). Informática em Psicopedagogia, 2 ed. São Paulo: SENAC, 1999.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes. Uma viagem ao mundo dos surdos**. Ed. Companhia das letras, São Paulo, 1998. Tradução: Laura Teixeira Motta.

SKLIAR, Carlos. **A localização política da educação bilingue para surdos**. In: Skliar, C. (org.) Atualidades da educação bilingue para surdos: processos e projetos pedagógicos. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

_____. Apresentação; **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças**. In: SKLIAR, Carlos (Orgs.) A SURDEZ; Um Olhar Sobre as Diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Como brincam as crianças surdas**. São Paulo: Plexus, 2002.

VALENTE, J.A., **O Professor no Ambiente Logo: Formação e Atuação**. Campinas, NIED – Unicamp, 1996.

VIANNA, A. C. 2001 '**Estruturas de posse na aquisição de português por surdos**'. Comunicação ao I Encontro do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

1 - Na sua opinião, o software “Liburguês Bilingue” irá contribuir mais para o aprendizado de artigo ou preposição?

2 - O software se adequa ao nível de instrução dos alunos?

3 - O software sendo utilizado como ferramenta auxiliadora no ensino de LP para surdos apresentará uma contribuição péssima, ruim, regular, boa ou ótima?

4 - Os alunos conseguiriam acompanhar os assuntos seguindo sua metodologia didática em consonância com o software?

5 - Você acha que o aluno deve usar o software educativo fora do ambiente escolar?

6 - Na sua opinião, enquanto professor (a) dos jovens com surdez, como é tratado o ensino de língua portuguesa, na atualidade, para esses que possuem necessidades educacionais mais severas devido a surdez?

7 - A maior dificuldade, definida por você, em ensinar gramática para estudantes surdos, se estabelece no aprendizado de qual conteúdo gramatical?

8 - Qual metodologia didática você utiliza para promover um aprendizado significativo?

9 - Os alunos surdos são interessados e esforçados em aprender Língua Portuguesa?

10 - Entre 5 a 10, qual nota você atribuiria a sua prática pedagógica?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO COMO PARTICIPANTE ENTREVISTADO

Título da Pesquisa: LIBURGUÊS BILÍNGUE: PROPOSTA DE SOFTWARE MOBILE NO ENSINO DE ARTIGO E PREPOSIÇÃO PARA ALUNOS SURDOS

Pesquisador responsável: THALISON BRENO ALVES DA SILVA

Objetivos da pesquisa: Analisar o discurso dos professores intérpretes de LIBRAS, através de entrevistas semiestruturadas acerca da problemática do ensino de Língua Portuguesa e do protótipo do software educativo criado pelo pesquisador a ser utilizado como metodologia de ensino pelos docentes para com os discentes durante a fase da pesquisa.

Eu, _____, portador (a) do RG: _____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar da pesquisa.

- a) A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre a aplicação do questionário antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar – me a qualquer momento;
- b) A segurança plena de que não serei identificado, mantendo o caráter oficial da informação, assim como está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo;
- c) A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa;
- d) A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é do pesquisador, bem como fica assegurado que poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita;
- e) A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda do pesquisador, podendo ser requisitado pelo entrevistado a qualquer momento;
- f) A garantia de conferir benefícios à parte envolvida, uma vez que se busca informações acerca do ensino de Língua Portuguesa para surdos.

Pesquisador responsável

Assinatura do entrevistado (a)